

Viso · Cadernos de estética aplicada
Revista eletrônica de estética

ISSN 1981-4062

Nº 7, jul-dez/2009

<http://www.revistaviso.com.br/>

Viso.

A questão da criação para Nietzsche

Rosa Dias

RESUMO

A questão da criação para Nietzsche

Este artigo corresponde a comunicação proferida na mesa "Criação" do Colóquio "Gênio, criação, autoria", organizado pela Revista Viso e pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e realizado nas dependências dessa instituição entre os dias 03 e 05 de novembro de 2009.

Palavras-chave: Nietzsche – filosofia alemã – criação

ABSTRACT

Nietzsche on creation

This paper is a written version of the conference held at the "Creation" session of the Seminar "Genius, Creation, Authorship", organized by Revista Viso and Escola de Artes Visuais do Parque Lage. The Seminar took place in EAV between 11/03/2009 and 11/05/2009.

Keywords: Nietzsche – German philosophy – creation

Nietzsche elabora o conceito de vida como “vontade criadora” [*schaffender Wille*] a partir da arte, segundo ele, “o grande estimulante da vida”.¹ Que sentido tem para ele o termo criação? Será que o utiliza na sua acepção metafísico-religiosa? Evidentemente, esse termo não é usado por ele no sentido judaico e cristão “de um nada tudo se fez”. Com a “morte de Deus”, também as palavras foram desnudadas, retirou-se delas seu manto sagrado. A palavra criação, despida de sua significação teológico-cristã, pertence à atividade humana. Porém, é preciso que se diga, para evitar futuros mal-entendidos, que não se pode substituir a idéia de um Deus criador pela idéia, também absurda, de homens-deuses criadores que, por um ato de vontade, de uma vez por todas, criaram o mundo. Assim como não existe mundo acabado, fechado sobre si mesmo, não existem seres anteriores ao mundo. Se existissem homens-deuses criadores, com certeza, a palavra criação seria obsoleta. Designaria uma ação que esgotou toda a sua potencialidade num fragmento de tempo para o qual não se tem memória.

Vale lembrar que a palavra criação nem sempre esteve presa a uma conotação teológica. O monopólio teológico dessa palavra é apenas um episódio ligado ao apogeu do monoteísmo, e isso aconteceu na Idade Média, quando só Deus era criador. No curso da história, o termo criação teve outros sentidos. Quando levamos em consideração a etimologia da palavra, a proeminência do teológico desaparece. A palavra latina *creare* tem o sentido de engendramento e está filologicamente ligada a *crescere*, sugerindo as noções de crescimento e de desenvolvimento. A raiz mais longínqua da palavra criação dava conta da especificidade do *procreare*, isto é, da procriação, o que justifica que seja aplicada a uma conduta instauradora e geradora de obras.

Contudo, não foi esse o significado que os filósofos metafísicos imprimiram à palavra criação, mantiveram-na presa à sua acepção bíblica, usaram-na para descrever uma atividade humana, demasiado humana. E com isso nada de novo acrescentaram ao termo, apenas remodelaram-no com outros conceitos. Mas, no fundo, o que estava presente era a mesma interpretação dos teólogos, a preocupação com a origem, com o que se encontra no começo histórico, mas que não é histórico, a forma imóvel, a identidade cuidadosamente recolhida em si mesma. Com o auxílio do procedimento lógico, que busca as causas e retrocede *ad infinitum* em busca de um princípio não causado por nada, esses filósofos inventaram o sujeito, a substância, a coisa em si, a forma fixa anterior a tudo que existe e a partir do que tudo vem a ser. Deus foi destronado, mas colocaram em seu lugar o sujeito, a substância.

Não é nesse contexto que a palavra criação ganha significação na obra de Nietzsche: “A hipótese de um mundo *criado*”, diz o filósofo, “não deve nos afligir nem por um instante. O conceito de ‘criação’ é hoje perfeitamente indefinível, inexequível, é apenas uma palavra que se mantém no estado rudimentar, desde o tempo da superstição, e não se pode explicar nada apenas com uma palavra”.²

Mas apesar da conotação substancialista que o termo envolve, Nietzsche não deixa de usá-lo para descrever uma nova conduta para com o mundo, uma conduta criadora. Criar, para ele, é atividade a partir da qual se produz constantemente a vida. Portanto, não há por que se envergonhar da linguagem dos mitólogos. Todo conceito é histórico, está em devir, “é interpretado outra vez por uma potência que lhe é superior para novos propósitos, requisitado de modo novo, transformado e transposto para uma nova utilidade”.³

Nietzsche apoderou-se do termo criar [*schaffen*] e deu-lhe novo sentido. Zaratustra, “Nas ilhas bem-aventuradas”, utiliza-o para descrever uma atividade humana. *Schaffen* tem aí um sentido de fazer, produzir, conseguir na perspectiva do homem. Isso fica claro quando ele afirma: “Para longe de Deus e dos deuses, atraí-me essa vontade; que haveria então para criar – se houvesse deuses?” [*was wäre denn zu schaffen, wenn Gotter – da wäre!*]. Tal como os artistas, Nietzsche se apodera do termo criação para designar um tipo de fazer que não se esgota em um único ato, nem em inúmeros atos. Para ele, o ato de criar não é um simples fazer prático que diz respeito ao terreno da utilidade, não designa apenas um ato particular, mas um ato fora do qual nada existe. Criar é uma atividade constante e ininterrupta. É estar sempre efetivando novas possibilidades de vida. Em *Assim falou Zaratustra*, escreve: “E aquilo a que chamais mundo, é preciso, primeiro, que seja criado por vós. [...] Mas assim quer a minha vontade criadora, o meu destino. Ou, para falar-vos mais honestamente: tal destino, justamente – é o que quer a minha vontade”.⁴

Assim, ao sofisma originário de um Deus criador, Nietzsche contrapõe a vontade criadora e com esse objetivo procura impedir a existência de se fixar, de ser expressão do instinto de conservação e nos convida a conceber a vontade criadora como constantemente auto-inventora. A doutrina da vontade criadora é uma nova maneira de pensar que se aplica ao devir, opõe-se à metafísica, que busca o estável e a permanência. O perene não é o sujeito criador, nem o objeto criado, mas uma ação, uma ação contínua, um fluxo de vida constante. Dito isso, apresento de novo a questão: Mas o que é criar para Nietzsche? Ele mesmo responde: “É vontade de vir-a-ser, crescer, dar forma, isto é, criar e, no criar, está incluído o destruir”.⁵ Aos olhos do criador não há mundo sensível já realizado onde é preciso se integrar. Criar não é buscar um lugar ao sol, mas inventar um sol próprio. “Não quero prosseguir, diz Zaratustra, não sou daqueles que buscam, quero criar para mim meu próprio sol”.⁶

É importante enfatizar, em primeiro lugar, que tal ocorre não porque falte alguma coisa à existência, mas porque não há vida sem criação e, em segundo lugar, mostrar que com a ênfase na criação Nietzsche não tem como intuito melhorar a humanidade. Em *Ecce Homo*, ele escreve que a última coisa que prometeria seria melhorar a humanidade.⁷ E a razão dessa afirmação está no *Crepúsculo dos ídolos*. Diz ele: os “melhoradores da humanidade estão injetados de moralidade”. A criação, para eles, está ligada à busca de

um ideal, de algo “melhor”. Todavia de onde vem a idéia de melhor? Vem dos valores superiores à própria vida. A ladainha dos “melhoradores da humanidade” está fadada a negar a vida. Reivindicam para a vida o que não é dela. Em vez de criar, isto é, de inventar novas possibilidades de vida, buscam se adequar aos valores existentes, querem para si um lugar ao sol e com isso mantêm o *status quo*. O ideal não é outra coisa que uma forma de fraqueza e de fadiga. Essa maneira de se conduzir empobrece e torna as coisas anêmicas e “de fato a história é pródiga em antiartistas assim, em tais famintos da vida: que necessariamente têm de tomar as coisas, consumi-las, fazê-las *mais magras*”.⁸

Assim, aos que acreditam que podem tornar as coisas melhores, mas, na verdade, as tornam piores, Nietzsche ensina a doutrina da vontade criadora ou a da “virtude que dá”. O ato criador é doador. Não deseja, não procura: dá. É um ato que presenteia, porque ama e não porque ao outro falte alguma coisa. É um ato que não se fecha sobre si mesmo. O criador não guarda para si o que cria, cria sem uma razão para criar.

É preciso ainda esclarecer que para que haja ação criadora é indispensável uma condição fisiológica prévia: a embriaguez. Uma tensão de forças que em nós cresce sem cessar produz um estado de plenitude, de superabundância de vida, que explode em ações. A embriaguez é um estado de plenitude através do qual nós transfiguramos as coisas, nós as elaboramos imaginativamente até que reflitam nossa própria plenitude e nosso próprio prazer de viver.

O fundamental para que haja criação é sempre um fenômeno de plenitude inicial. Na presença de certas atitudes, de certas situações, de certos acontecimentos, que nos afetam a ponto de nos mover a transfigurar as coisas, nos desembaraçamos de nós mesmos por sinais e atitudes. Diante desse estado, é impossível mantermo-nos objetivos; não há como inibir esse estado explosivo, não há como suspender essa força que interpreta e inventa. No momento em que nos sentimos tocados por alguma coisa e o nosso ser animal responde por essa provocação, produzimos o estado estético – o estado em que transfiguramos as coisas. O criador atinge o ponto culminante de sua excitabilidade não quando recebe, mas quando dá. Segundo Nietzsche, o artista que se pusesse a compreender estaria cometendo um erro, ele não tem que olhar para trás, não tem que olhar nada, deve dar.

Esse movimento de vir-à-forma é preciso entendê-lo em relação ao tempo, sem o qual perderíamos a dimensão do devir. Uma forma, uma vez realizada, não dura eternamente, o tempo se encarrega de destruí-la. É uma característica da vontade criadora tender a um aumento de potência, crescer e expandir-se. E isso não tem nada a ver com a busca desenfreada de um objetivo fora do tempo. O querer crescer da vontade criadora é afirmação da temporalidade. Esse tempo não é cumulativo nem evolutivo; não há

evolução contínua, mas um constante recomeçar. Assim como estamos submetidos à lei do crescimento, também estamos submetidos à lei da morte. Essa idéia não nos deve acobrunhar, pelo contrário, devemos suportá-la com certo júbilo. Sem a destruição não há processo criador. É ele que mantém a vida, a força de vida. Força que, ao se voltar sobre si mesma, vai além de si, para de novo voltar a si mesma e retomar o processo criador. Poder não só criar, mas também destruir, exige excesso. A destruição, como consequência de uma superabundância de vida, é prenhe de futuro: “É capaz de transformar todo deserto em exuberante pomar”.⁹ A vida é o momento presente. A morte só triunfa a serviço da vida.

A doutrina da vontade criadora – a vontade como força artística, tal como Nietzsche a pensa, é uma nova maneira de pensar que se aplica ao devir. Não há começo, nem ponto final; tudo está ainda por se fazer. E dizer que tudo está em mudança é dizer que tudo está sujeito às leis da destruição. A realidade do devir, da mudança, é a única realidade. “Do tempo e do devir devem falar as melhores metáforas”, diz Zaratustra, “devem ser um louvor e uma justificação de toda a transitoriedade”.¹⁰

Essas afirmações, tomadas isoladamente, poderiam levar a pensar que Nietzsche não faz mais que inverter a metafísica, que opõe o conceito de ser ao conceito de devir e afirma a realidade do ser. Segundo essa maneira de pensar, a sua filosofia não seria mais que uma metafísica às avessas, justamente por não conseguir escapar das oposições e disjunções, modos de operar próprios da metafísica.

Ora, para perceber realmente a concepção do filósofo é preciso utilizar sua própria estratégia de interpretar um texto. Ele nos convida a esmiuçar o miúdo, a ruminar cada palavra, a dar vida a cada uma delas, isto é, a trazê-las para o cotidiano daqueles que delas se aproximam. Paciência, lentidão, vontade de devir com o texto é o que requer a arte de interpretar.

Esta observação se faz necessária porque Nietzsche, em alguns textos, opõe de fato o conceito de devir ao conceito de ser. Exemplifico esta observação com uma passagem de *Ecce Homo*, onde ele escreve que o devir comporta “a rejeição total do conceito de ser”,¹¹ ou com o parágrafo 13 da primeira dissertação da *Genealogia da moral*, quando afirma: “*Por trás do fazer, do agir, do devir, não há ser*”.¹² Porém, o que seria aparentemente uma contradição é, na verdade, um aspecto do trabalho crítico de Nietzsche. De quando em quando, ele se coloca na pele do adversário e passa a pensar a partir do discurso que recusa, pois faz parte de sua estratégia dramatizar as idéias. É peculiar aos filósofos acreditarem no ser. Por esse motivo, Nietzsche, em determinado momento de sua exposição, para deixar mais clara a posição de seu opositor, que expressa as idéias do mundo do além, opõe ser a devir. Entretanto, reconhece que ser e devir não podem se opor. São eles as duas modalidades do Sim criador. Logo, um

fragmento isolado, uma frase destacada de um livro não pode servir de apoio para uma interpretação.

Nietzsche não opõe ser e devir, mas se opõe a uma concepção doentia do ser e a uma interpretação doentia do devir. A afirmação do devir é condição para que haja constante criação. Dizer que tudo está em devir é dizer que tudo está sujeito às leis da destruição e que algo permanece apesar da destruição. Permanece o insistente ato criador. Uma ação criadora contínua imprime ao devir o caráter de ser. Assim, não se faz justiça ao pensamento de Nietzsche se cada vez que ele afirma alguma coisa não se busca a afirmação oposta, com a qual ela está em relação. Em uma passagem de *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche faz seu diagnóstico a respeito da filosofia, mais precisamente da relação dos filósofos com a temporalidade. Ele pergunta: o que é peculiar ao filósofo? Responde: “sua falta de sentido histórico, seu ódio à noção mesma do vir-a-ser, seu egipcismo. Eles acreditam fazer honra a uma coisa quando a des-historizam, *sub specie aeterni*,¹³ quando dela fazem uma múmia. Tudo o que os filósofos manejaram, por milênios, foram conceitos-múmias; nada realmente vivo saiu de suas mãos. Eles matam, eles empalham quando adoram, esses idólatras de conceitos – tornam-se um perigo mortal para todos, quando adoram. A morte, a mudança, a idade, assim como a procriação e o crescimento, são para eles objeções – até mesmo refutações”.¹⁴

Em um dos textos mais surpreendentes de *Zaratustra*, intitulado “Da redenção”, Nietzsche faz ver que os metafísicos e moralistas pensam a partir do “espírito de vingança”, que, no momento em que eles se põem a pensar, introduzem nas coisas o bacilo da vingança. Isso teve seu início com Sócrates e Platão, com o “recuo dos deuses gregos” e “o retraimento do sentido da terra”. A partir desse instante, o homem, regido pelo espírito de vingança, começou a se realizar seguindo um movimento ascendente em direção ao além.

Foi desse modo que os filósofos metafísicos criaram uma maneira de pensar e produziram um modo de existência que deixou os homens do presente e do passado em pedaços – “Destroçados e dispersos como sobre um campo de batalha e um matadouro”.¹⁵ O excesso de racionalidade, num corpo anêmico, criou seres aberrantes, “aleijados às avessas”: “com um pouquinho de tudo e demais de uma só coisa”. Seres com apenas um só órgão e, além disso, desproporcional ao seu corpo, seres que não são mais do que “um grande olho, ou uma grande goela, ou um grande estômago” e aos quais sempre falta alguma coisa: “A um falta o olho, a outro, a orelha, a um terceiro, a perna; existem outros ainda que perderam a língua, o nariz e até mesmo a cabeça”. Criados pelo programa metafísico, são “fragmentos e membros avulsos, mas não homens”. Sofrendo com a temporalidade do mundo, os metafísicos se insurgem contra ele. De que modo? Criando a permanência. O ódio ao devir tornou-se criador. O ressentimento dos metafísicos contra a realidade inventou outra realidade.¹⁶

Se folhearmos algumas páginas anteriores ao capítulo “Da redenção”, onde Zaratustra define o que significa espírito de vingança, se prestarmos atenção ao que está escrito “Nas ilhas bem-aventuradas”, veremos que a criação nesse texto também se faz estritamente ligada ao tempo. Zaratustra escreve: “Más e antihumanas chamo todas essas doutrinas do uno e perfeito e imóvel e sácio e imperecível. Todo o imperecível – é apenas uma imagem poética! E os poetas mentem demais. Mas, do tempo e do devir, devem falar as melhores imagens: um louvor, devem ser, e uma justificação de toda a transitoriedade!”¹⁷

Agora, é importante notar que “Nas ilhas bem-aventuradas” Zaratustra parece privilegiar na temporalidade a dimensão do futuro, já que o presente e o passado estão comprometidos com as teses contrárias à vida.

Nas primeiras páginas do capítulo “Da redenção”, Zaratustra continua a sustentar essa mesma compreensão da temporalidade. Revela a seus amigos que “o agora e o outrora sobre a terra são para ele o que há de mais insuportável, que ele não saberia viver se não fosse ainda um visionário daquilo que há de vir”.

Para determinar a nova perspectiva do tempo introduzido em “Da redenção”, faz-se necessário perguntar o que significa o conceito de espírito de vingança. Zaratustra o define como “a aversão da vontade contra o tempo e o seu ‘Foi’” [*des Willens Widerwille gegen die Zeit und ihr ‘Es War’*].

O tempo passa, é seu mister passar. O que vem do tempo nunca vem para ficar, mas para ir-se. “Aquilo que Foi”, diz Zaratustra, assim se chama a pedra que ela (a vontade) não pode rolar”.¹⁸ A vontade não pode desfazer o que já foi realizado, não pode voltar atrás. No entanto, ela padece com esse fato; a transitoriedade causa-lhe imenso sofrimento e, então, ela se vinga.

Esse passar do tempo que não volta faz a vontade “ranger os dentes”. Irada por não poder ir para trás, por não poder deter o movimento do tempo em seu fluxo linear, inventa loucas saídas para o sofrimento. A primeira é desativar o próprio tempo, fazendo dele uma mera representação e não uma atividade, criando para ele uma compreensão do tempo sucessivo-linear; a segunda, substancializando a temporalidade, opondo temporalidade e eternidade, propiciando dessa forma a ruína do tempo, depreciando-o como imaginário.

A vontade, impotente por não poder deter o fluxo do tempo, vinga-se da temporalidade. O espírito de vingança instaura o mundo do devir como ilusório, mentiroso, contraditório:

ele é tal como não deveria ser. A negação do mundo da temporalidade gera os ideais supra-temporais e rebaixa o temporal à categoria do que ainda não é. O terrestre e a Terra e tudo que a ela pertence é o que propriamente não deveria ser.

É contra esse tipo de pensamento, que mumifica a vida, que faz da vida expressão do instinto de conservação, que Nietzsche introduz a sua concepção de vontade criadora. A novidade desse pensamento está em fazer frente a um tipo predominante de pensar que ruidosamente exhibe os grilhões do passado através dos tempos e paralisa o futuro no passado. A vontade criadora se constitui numa relação essencial com o tempo: o tempo é a única via do criador.

Embora a vontade se encontre ainda em cativeiro, o “querer a liberta”. Em que consiste a libertação do querer? O que a vontade cria para se ver livre de sua solitária aflição e de seu cárcere? O querer deve libertar a vontade de seu não à vida, deve abrir-lhe o caminho do sagrado sim. Dizer e fazer o sim é reconhecer que não há nada de fixo, reconhecer que há sempre alguma coisa a destruir, isto é, a criar. E este sim à vida afirma justamente aquilo que o espírito de vingança nega: o tempo e o seu passar.

Para libertar-se da prisão do tempo, do espírito de vingança, a vontade criadora afirma o eterno retorno do tempo. O único modo de se redimir da vingança é querer o eterno retorno de todas as coisas. A vontade criadora enquanto se constitui numa relação essencial com o tempo liberta o homem do espírito de vingança.

Eis como Zarathustra expressa pela primeira vez em “Da redenção” o seu pensamento abissal: Todo ‘Foi’ é um fragmento, um enigma e um horrível acaso – até que a vontade criadora lhe diz: - “Mas assim eu o quis!” Até que a vontade criadora lhe diz: – “Mas assim eu o quero! Assim eu o hei de querer”.¹⁹

Quando a vontade criadora afirma: “Quis! Quero! Hei de querer!”, temos aí passado, presente e futuro. Mas não estamos mais na temporalidade sucessivo-linear, forma de concretização do espírito de vingança, mas na afirmação da temporalidade em todas as suas dimensões.

Redimir o que passou e recriar todo ‘Foi’ em um assim eu o quis, somente isso se chama para Nietzsche redenção. A vontade reconciliada com a temporalidade liberta-se do espírito de vingança. O devir, afirmado pelo ato de querer, redimido pelo querer que quer com toda a sua vontade, transfigurado pelo poder da afirmação, é possibilidade de criação contínua.

No aforismo 355 de *A gaia ciência*, dedicado à criação, Nietzsche mostra que os criadores são aqueles que se tornam eles mesmos *o presente*. O presente ligado ao sim criador implica a duração como passado e futuro. O presente é duração, mas duração que não cessa de se destruir a si mesma, de inventar cotidianamente jogos cada vez mais delicados.

A vontade de crescer, de dar forma, de devir, que é própria da vontade criadora, quer o presente, o inesperado, o acaso. Mas o que é o acaso para Nietzsche? Ele o batiza com o nome de “Providência Pessoal” [*eine persönliche Providenz*]. Aqui e ali, revela, o querido acaso guia nossa mão, toca conosco uma melodia. A vida de cada dia nos parece demonstrar que “todas as coisas que nos sucedem resultam constantemente *no melhor possível*”. A vida de cada dia e de cada hora parece demonstrar sempre de novo essa tese; seja o que for, tempo bom ou ruim, a perda de um amigo, uma doença, uma calúnia, a carta que não chegou, a torção de um pé, um olhar de relance para uma loja, um argumento contrário, o ato de abrir um livro, um sonho, uma trapaça: imediatamente ou pouco depois tudo se revela como algo que “tinha de acontecer” – é algo de profundo sentido e utilidade justamente *para nós*.²⁰

O acaso é assim para Nietzsche um conjunto de coisas humanas, as mais cotidianas. Vem sempre a nosso favor, pois traz o presente. Presente no sentido temporal e presente como dádiva: “Ouve-se, não se busca; toma-se, não se pergunta quem dá”.²¹ A vontade de crescer, de dar forma, de devir, de intensificar a potência quer o acaso. Ele não é um incidente que devemos afugentar, mas o elemento essencial que determina a plasticidade da vontade criadora. Se o que vem até nós, o inesperado que, de algum modo, se espera que venha, surge como absolutamente necessário: se o queremos, se o afirmamos com toda a nossa vontade, ele nos traz o presente e impulsiona à ação, a uma ação criadora.

* Rosa Dias é professora do Departamento de Filosofia da UERJ.

¹ NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos*, maio-junho de 1888. In: *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição crítica organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. 15 vols. Berlim/Nova York: Walter de Gruyter, 1988, v. 13, 17 [3], p. 521.

² Idem, primavera de 1888. In: *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Op. cit., v. 13, 14 [188], p. 374.

³ NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Brasiliense, 1987, 2ª dissertação, § 12.

⁴ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1977, II, “Nas ilhas bem-aventuradas”. Em espanhol: *Así habló Zaratustra*. Tradução de Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1994.

⁵ NIETZSCHE, F. *Fragmentos póstumos*, maio-junho de 1888. In: *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Op. cit., v. 13, 17 [3], p. 521.

⁶ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, § 320.

⁷ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, “Prólogo”, §2.

⁸ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora

Brasiliense, 2006, “Incursoes de um intempestivo”, §9.

⁹ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Op. cit., §370.

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Op. cit., II, “Das ilhas bem-aventuradas”.

¹¹ NIETZSCHE, F. *Ecce Homo*. Op. cit., “O nascimento da tragédia”, §3.

¹² NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. Op. cit., 1ª dissertação.

¹³ “Numa perspectiva da eternidade”.

¹⁴ NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Op. cit., “A razão na filosofia”, §1.

¹⁵ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Op. cit., “Da redenção”.

¹⁶ Cf. *ibidem*.

¹⁷ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Op. cit., II, “Das ilhas bem-aventuradas”.

¹⁸ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*, II. Op. cit., “Da redenção”.

¹⁹ NIETZSCHE, F. *Assim falou Zaratustra*. Op. cit., II, “Da redenção”.

²⁰ NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Op. cit., §277.

²¹ NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. Op. cit., “Assim falou Zaratustra”, §3.